

## EDITORIAL

Tiago Veloso dos SANTOS

A Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Pará apresenta sua edição referente ao primeiro semestre do ano de 2019, com temas de natureza interdisciplinar da realidade brasileira, amazônica e paraense com propósito de disseminar a reflexão, o debate e as proposições científicas que permitam a sociedade aprimorar a compreensão da realidade.

Abrem o conjunto de textos dessa edição, *José Maria de Castro Abreu Júnior e Aristoteles Guilliod de Miranda*, com o artigo “*Os primeiros anos da Universidade Federal do Pará vistos através da Faculdade de Medicina*”. Os autores reconstróem a história de constituição da instituição em torno das disputas entre grupos divergentes durante a criação da Universidade do Pará, sob a ótica da Faculdade de Medicina, que representava uma força importante na construção do ensino superior do estado.

A seguir, *Abraão Levi dos Santos Mascarenhas e Maria Rita Vidal* apresentam o texto “*Medindo padrões de geodiversidade da região hidrográfica do Tocantins e Itacaiúnas, Pará, Amazônia, Brasil*”, chamando atenção para a importância do patrimônio natural em torno do conceito de geodiversidade, que traz elementos de valorização associadas aos aspectos de valor cultural, estético, econômico e de educação, associando o conceito as análises de bacias hidrográficas. Além disso, apresenta as possibilidades de uso do Sistema de Informação Geográfica que permitiu a organização de cinco *clusters* de geodiversidade (alta, moderadamente alta, média, moderadamente baixa e baixa), na bacia hidrográfica capaz de espacializar padrões para as políticas públicas de planejamento ambiental.

*Fernando Arthur de Freitas Neves* nos brinda com a leitura do texto “*Amor, Sedução e Violência*”, no qual descreve como durante o período do Brasil Império houve crescente discussão sobre a elaboração de um Código Criminal capaz de ajustar a realidade dos oitocentos à promoção civilizatória na visão de mundo burguesa em torno dos chamados crimes contra a honra. O modelo disciplinador da Igreja sobre as questões familiares ainda se fazia presente na época, mas cabia ao Estado punir os atentados de defloramento, estupro e rapto. A moralidade católica não foi suficiente para conter os ímpetus amorosos e foi necessário edificar um corpo de teses para legitimar a sua autoridade sobre essas relações, ratificando o casamento como território legítimo para expressão da sexualidade. Com efeito, o autor é sagz ao desvendar as relações entre moral pública e direito privado.

Finalizando a seção de artigos, *Adolfo Oliveira Neto* reflete sobre a “*Conflitualidade entre o movimento social camponês e mercados na América Latina: da visão monetária à visão territorial*”, perguntando qual o significado que o termo “mercado” assume nas formulações dos movimentos sociais camponeses e quais as alternativas discutidas pelos sujeitos para se relacionar ou confrontar com este? O principal argumento defendido no texto é que o mercado para o campesinato, como

espaço da circulação não apenas de produtos, é um elemento marcado pela diversidade socioeconômica e da produção territorial do campesinato.

Na seção *Resenhas*, *Brena Regina Lopes Machado* explora o tema da Fronteira a partir da obra “**Fronteira: a degradação do Outro nos confins do humano**” de José de Souza Martins. O tema é bastante caro para a região amazônica, considerando a relação existente entre teoria e realidade conflituosa nas fronteiras da região. A resenha apresentada pela autora revela a fronteira como um lugar privilegiado da observação sociológica e do conhecimento sobre os conflitos e dificuldades próprios da constituição do humano no encontro de sociedades que vivem no seu limite e no limiar da História. Há ainda, uma importante distinção entre como os modos de ver a fronteira se diferenciam e se dividem em duas frentes, a **frente pioneira**, definida economicamente pela presença do capital na produção, que induz a modernização; e a **frente de expansão**, concepção que percebe a ocupação do espaço sem a mediação do capital, tomando como referência o indígena.

Mariana Cunha Fontes apresenta resenha sobre a obra “**A conquista da América: A questão do outro**”, de **Tzvetan Todorov**, filósofo e linguista búlgaro, que analisa a conquista da América sob a questão do outro, a qual estabelece como unidade de ação a percepção que os espanhóis têm dos índios nesse contexto de conquista, além de expor suas pesquisas a respeito do conceito de alteridade, existentes na relação de indivíduos pertencentes a grupos sociais diversos, cujo objeto central justificase na própria situação autor, que é imigrante na França, um país onde supostamente a relação entre nacionais e estrangeiros é historicamente marcada por um xenofobismo não declarado. A resenha explora a tentativa de reconstruir, com uma narrativa dinâmica, o ambiente da conquista pela análise do outro, do “índio”, na qual Todorov se baseia em personagens históricos como Cristóvão Colombo para descrever os acontecimentos.

Por fim, a Revista do IHGP tem a satisfação de retomar uma de suas tradições: a publicação de uma seção de *Discursos* de seus sócio-efetivos. Nessa retomada, temos a satisfação de publicar o discurso de apresentação a posse da sócia Auriléa Abelém, proferido pelo sócio Saint-Clair C. da Trindade Júnior. A escolha deste discurso é uma singela homenagem à trajetória da professora Auriléa Abelém, que recentemente reeditou o livro “Urbanização e remoção: por que e para quem?<sup>1</sup>”, tornando-se ao longo destas três décadas obra de referência aos que discutem e estudam o processo de urbanização de Belém e da Amazônia

*Tiago Veloso dos Santos*  
*Editor da Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Pará*  
*26 de Julho de 2019*

---

<sup>1</sup> ABELÉM, A. G. *Urbanização e remoção: por que e para quem?* Belém: UFPA/NAEA, 1988.